

Ilusões sobre uma “unidade” do conceito

Arthur Meucci

“Reconhecemos que aquilo que chamamos de “frase”, “linguagem” não é a unidade formal que me represento, mas a família de estruturas mais ou menos aparentadas entre si”¹

As *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein trazem ao pensamento filosófico contemporâneo uma nova perspectiva em relação ao estudo da linguagem. Em suas várias “meditações” sobre a linguagem Wittgenstein trata de um tema de suma importância para esta filosofia, a questão do *conceito*. Tanto o signo como o conceito são as bases primeiras de todo tipo de teoria sobre esta. É sobre elas que se solidificam todo o tipo de teoria que se pretenda formular. Sua análise é imprescindível tanto para se conhecer quanto para propor teses sobre a constituição, a formação e o uso da linguagem, e como fazem parte do primeiro degrau deste conhecimento focarei meu estudo neste tema.

Analisarei a questão do conceito nas *Investigações* a partir da seção 65 e subseqüentes, onde o autor passa a tratar diretamente sobre o assunto. Não farei aqui uma análise no estilo de Baker e Hacker, analisando e explicando parágrafo por parágrafo e comparando os trechos das *Investigações* com outras obras. Usarei da análise textual, focando meus argumentos na análise direta do texto, aonde terei como fio condutor a explicação de como se *constitui um conceito*, e de como é possível usarmos os conceitos sem uma *unidade*, sem conceitos *rígidos*.

Wittgenstein irá mostrar ao leitor das *Investigações Filosóficas* a fragilidade das teorias referentes a *unidade conceitual*. Ele dedica parte das reflexões do livro a elucidar esta questão, e para isto não usará de conceitos abstratos, ou outro tipo de linguagem específica para mostrar suas teorias. Simplesmente ele conduz o leitor às suas conclusões da maneira mais familiar possível. Além de nos explicar sobre a constituição do conceito, ele refuta os tipos de objeção que possam ser levantadas quanto ao problema de uma linguagem não usar de conceitos rígidos, sem uma unidade.

¹ WITTGENSTEIN, L., *Investigações Filosóficas*, trad. José Carlos Bruni, São Paulo, Abril Cultural, 1979 § 108, p. 53.

(i) Da constituição de um conceito

Na história da filosofia da linguagem muitos de seus teóricos começaram suas reflexões filosóficas sobre a linguagem, sobre a comunicação, analisando os signos e os conceitos. De Platão a Mikhail Bakhtin se discute sobre a melhor maneira de se interpretar um signo, de como um conceito funciona ou deveria funcionar. Veremos neste trabalho a revolução trazida por Wittgenstein no tocante a constituição e funcionamento do conceito. Esta reflexão ainda está inscrita na crítica a imagem agostiniana da linguagem², e este ponto passa a marcar a contraposição da teoria agostiniana do conceito com a teoria proposta por Wittgenstein.

A análise sobre o conceito começa a ser “dissecada” a partir do § 65, começando com o conceito de jogo, que será usado como uma “espinha dorsal” de seus argumentos. Poderíamos citar vários tipos de jogos como o xadrez, a dama, o buraco, o pôquer, o futebol, os jogos do Coliseu Romano, os de palito, quebra-cabeça, etc. Uma pessoa desatenta, ou precipitada, ao olhar a questão poderá dizer “- *Chamamos todos estes de jogos porque algo deve ser comum a todos eles*”, ou melhor, sobre o signo “jogo” deve haver um significante comum a todos estes significados (xadrez, futebol, tênis, etc.).

É esta idéia de “comum” que deve ser abatida. Se olharmos todos estes jogos não haverá algo de comum a todos eles. O xadrez tem algo de comum a dama, porém o que ambas têm em comum com o futebol? O futebol tem algo de comum com o basquete, porém o que eles têm de comum com o pôquer? Que relação pode haver entre os jogos no Coliseu e os jogos de palito? Somos, após uma minuciosa análise dos fatos, depois de estudarmos tais jogos, levados a conclusão de que não existe nada de comum a todas as perguntas que propomos. Mas se não existe nada de comum a muitos do que chamamos de jogos, porque ou como designamos estes sobre o mesmo conceito?

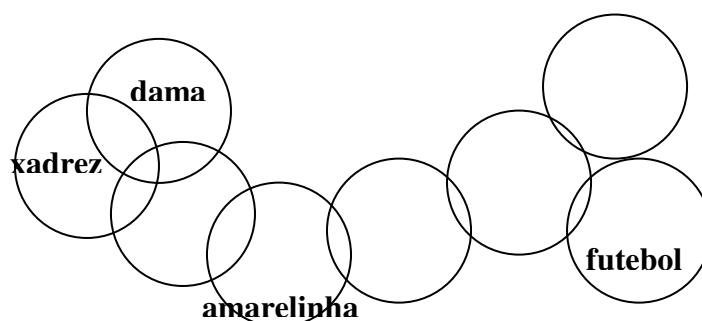
“Como eu disse: Não pense, mas veja!”³. Wittgenstein chama o leitor para pensar em todos os casos, em todos os tipos de jogos que conhecemos. Seriam interativos? No caso do futebol, ou do xadrez pode haver uma interação, mas em jogos individuais não. O divertimento? Jogos tensos, em final de campeonato ou mesmo os jogos do Coliseu que

² BAKER, G.P. & HACKER, P.M.S., *An Analytical Commentary on Wittgenstein's Philosophical Investigations*, Chicago, The University of Chicago Press, 1980, p 125.

³ WITTGENSTEIN, L., *op. cit.*, § 66, p. 38.

levavam seus participantes a morte traziam divertimento para estes? Se analisarmos bem nem o quesito “sorte ou azar” nos fornece a *unidade* para o conceito em questão. A cada tentativa semelhanças surgem e desaparecem⁴.

A solução trazida por Wittgenstein para o problema do conceito é o que ele vai denominar de *semelhança de família*⁵. Os jogos formam um tipo de *família* e passamos a saber o que é ou o que não é um jogo por aquilo que vemos em comum entre eles. Quando ensinamos ao indivíduo os jogos de tabuleiro, os jogos de bola ou qualquer outro tipo de jogo, nós acabamos por fornecer *exemplos* de jogos. As demais associações ou classificações referente aos jogos são feitas pelo indivíduo através da semelhança com os jogos que ele conhece.



Tipo de esquema possível, na forma de conjunto, para representar o conceito de jogo. Entre os jogos há intersecções onde há semelhança entre os jogos analisados. No caso do futebol ele está inscrito no conceito de jogo devido a sua ligação com algum outro tipo de jogo, porém neste exemplo não há uma semelhança deste com o xadrez.

Não podemos traçar algo de comum que una todos os jogos. O que pode haver de comum entre o xadrez e o futebol? Se estipularmos algum traço comum entre ambos outros tipos de jogos como a amarelinha, ou os jogos de palito não entrariam no conceito de jogo. Ao estipularmos um tipo de delimitação não atenderíamos a todos os jogos que conhecemos. O que une esta família conceitual são tipos de semelhança, algumas marcas entre seus “parentes”, mas nenhuma marca que seja comum a todos. Os conceitos em geral passam a ter certa relação com o conceito de “família”, como observamos em § 67. Associamos as pessoas à determinada família por traços de semelhança que a pessoa possa possuir e que seja semelhante a alguém da família, como, por exemplo, o tipo de olho, a

⁴ Ibid., § 66, p. 39.

⁵ Ibid., § 67, p.39.

estatura, a fisionomia dos ancestrais, e outras características que sejam peculiar a família em questão.

O conceito de jogo pode ser analisado como a soma de conceitos aparentados entre si, sem que este conceito seja fechado por um limite. Mas o conceito de número também participaria desta definição? Wittgenstein nos mostra que há traços de semelhança com o conceito de jogo, como a ausência de um limite que encerre o conceito, porém este conceito é mais rígido que o primeiro, porém não totalmente. No jogo não podemos, por exemplo, delimitar o conceito, ou melhor exposto, o que seria um jogo e quando ele deixa de ser um.

Desta exposição surge a seguinte dúvida: Como podemos explicar os conceitos a alguém? Como explicar o que é um jogo, por exemplo? O que fazemos é dar exemplos de jogos e dizer “*estes e outros semelhantes chamamos de jogos*”⁶. Não podemos delimitar o conceito, dar-lhe uma unidade, mas nem por isso deixamos de conhecer o conceito. A ausência de limites não significa que não podemos saber o que o conceito significa.

Para reafirmar esta posição Wittgenstein nos fornece um bom exemplo na § 70, ao propor o problema quando se diz “*o solo estava inteiramente coberto de plantas*”. Poderíamos desenhar o terreno nestas situações e afirmarmos que o terreno estava exatamente como no desenho. Esta imagem teria que ser exata? Precisaríamos delimitar o conceito de terreno ou de planta para dar sentido a frase que colocamos? É obvio que não.

Seria um conceito impreciso realmente um conceito? Para Wittgenstein sim. São estes conceitos pouco nítidos que mais usamos, dos que mais precisamos. Wittgenstein critica Frege quando este associa a palavra conceito com um distrito e diz que “*não se poderia chamar de distrito um distrito vagamente delimitado*”⁷. Wittgenstein retruca: Seria absurdo dizer para uma pessoa “*Pare mais ou menos aqui*”⁸? Não irei traçar um limite, delimitar o espaço que eu quero destacar. Simplesmente eu indico o local com a mão ou com outro recurso. É assim que funcionam conceitos como o de jogo, dando exemplos que serão compreendidos num certo sentido.

Ao limitar a explicação do conceito através de exemplos não se pretende desta forma chagar a um meio indireto de elucidação por falta de outro tipo de explicação. Deve ficar claro que não existe nos exemplos algo que uniria o conceito através destes.

⁶ Ibid., § 69, p. 40.

⁷ Ibid., § 71, p. 41.

⁸ Idem.

(ii) De como é possível usar um conceito sem limitação

Nesta parte Wittgenstein irá esclarecer como é possível existir e ensinar os conceitos, sendo que estes não possuem limitação. Como seria possível existir conceitos sem limites, e mesmo não sendo unificado, com delimitações pouco rígidas, usar o conceito. Para esclarecer ele usa o exemplo da matriz de cor. Se por exemplo eu mostrasse a uma pessoa quadros, bolas, camisas, e etc., de cor azul anil e dissesse “o que têm de comum entre eles é o azul” eu o faria entender o que é o azul, mediante a esta unidade em todos.

Porém, como isto poderia ocorrer se eu desse a esta mesma pessoa uma matriz com diversas tonalidades de azul? Que tipo de semelhança existe entre o azul marinho e o azul celeste? Ou ainda entre o azul turquesa e o azul bebê? Não há algum tipo de semelhança que uma os casos propostos, porém sei que todos eles são da cor azul através da chamada *semelhança de família*, ou seja, quando a cor posta em questão é associada a algum outro tipo de cor. Assim exposta a teoria não se convence de imediato a pessoa que está analisando o caso, mas torna-se mais fácil de compreender quando se comete um erro ao conceituar, e nisso se percebe o uso das semelhanças de família. No tocante as cores eu percebo o problema quando uso minha camisa de cor *verde musgo*. Boa parte dos que erram ao definir a cor dizem que é um tipo de “amarelo”. Ao perguntar porque a confusão com o amarelo elas respondem: “Porque possui certa *semelhança* com o amarelo mostarda”. Não se demora muito para perceber que é uma tonalidade de verde, mas o que é interessante frisar neste caso é o processo de *semelhança de família* que entrou em ação. Fica claro que definimos as cores por certas marcas de semelhança, e que refletindo melhor sobre o problema percebemos que os conceitos, desta maneira, não são rígidos em sua definição, e que por isso podem nos levar a problemas.

Wittgenstein a partir do § 73 começa alargar o problema do conceito. Ele nos mostra que o conceito não está restrito a jogos ou cores, e sim a todos os conceitos com que nos deparamos. Na investigação sobre o conceito de folha ele possibilita ao leitor um tipo de salto, um artifício que capacita sutilmente o leitor a estender sua investigação aos demais conceitos, sem frisar de imediato esta possibilidade. Ao pensarmos na folha, em seu conceito, vimos que não trabalhamos com a “essência” da folha, com uma *forma*

universal de folha. Nós conhecemos uma folha por associação com os tipos de folha que conhecemos, através de um *esquema*⁹.

Neste ponto surge um tipo de semelhança entre a filosofia de Wittgenstein e a filosofia de Berkeley. A discussão entre Wittgenstein e seus adversários no tocante a “forma” do conceito é semelhante a discussão proposta por Berkeley a crítica das “idéias gerais abstratas”, propostas por Locke. Segundo o *Ensaio Acerca do Entendimento Humano* Locke diz que nós reconhecemos um triângulo por um tipo de forma, ou melhor, como uma idéia abstrata de triângulo, pois como explica Locke, estas idéias “*Por este meio de abstração elas tornam-se capazes de representar mais do que um indivíduo, cada um dos quais, tendo nisto uma conformidade com está idéia abstrata, é (como denominamos) desta espécie*”¹⁰. Existiria uma forma de triângulo que se “encaixasse” em todos os triângulos particulares que percebemos. Berkeley, ao criticar ao modelo de Locke, escreve: “*A isto respondo: Embora a minha idéia ao fazer a demonstração seja a de um isósceles retângulo, com determinada extensão de lados, eu posso generalizá-la a outros triângulos retilíneos quaisquer*”¹¹. Berkeley já visualizava o problema dos conceitos referentes ao que ele chamava de idéia geral abstrata. No caso das idéias abstratas sua postura é parecida com a de Wittgenstein, onde por exemplo, o triângulo não possui uma forma geral que se enquadra a todos, um conceito rígido. O que ocorre, para Berkeley, é o processo de semelhança entre os triângulos e de outros conceitos abstratos. Berkeley não generaliza esta posição para todos os conceitos, como fez Wittgenstein, e este não vê no problema dos conceitos e da linguagem vias para duvidar do mundo material.

Em § 78 Wittgenstein levanta a comparação entre saber e dizer, e neste ponto como bem observa Baker e Hacker¹² esta seção mostra a possibilidade de sabermos o que é um conceito e não podermos explicar, como foi colocado em § 75. Seria possível saber e não poder dizer o que é? É possível saber sobre o monte Branco e não saber sua altura? É claro que é possível, assim como é possível saber o que é jogo e não poder explicar o conceito. A citação de Santo Agostinho nos é bastante reveladora, “*O que é por conseguinte o*

⁹ Ibid., § 73, p. 42.

¹⁰ LOCKE, J., *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, trad. Anoar Aiex, São Paulo, Nova Cultural, 2000. Liv. III, Cap. III, p. 152.

¹¹ BERKELEY, G., *Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano*, trad. Antonio Sérgio, São Paulo, Abril Cultural, 1979. Introd. § 16, p. 15.

¹² BAKER, G.P. & HACKER, P.M.S., op. cit., p. 158.

tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicar a quem fizer a pergunta, já não sei”¹³.

Usamos a designação de jogo, cor, folha e outros sem podermos muitas vezes explicar seu conceito, e nem por isso a civilização entrou em colapso com este problema. Podemos usar um conceito sem entendê-lo muito bem, e muitas das vezes não temos problemas com isso. Para agradar as mulheres nós homens temos muitas vezes que dizer “*Eu amo você*”, e elas não nos pedem para fazer uma análise precisa do conceito de amor e qual o sentido na conjuntura da frase. Pelo menos comigo nunca aconteceu de perguntarem, e ainda não soube de nenhum caso onde alguém tenha se visto em tal apuros. A humanidade vem seguindo seu ritmo normal sem possuir uma linguagem com conceitos rígidos.

Russell vai definir o nome por meio de diferentes descrições¹⁴. Para definir Moisés, por exemplo, usamos definições como “o homem que guiou os israelitas através do deserto”, “o homem que trouxe os dez mandamentos”, ou ainda “o homem que libertou os hebreus do Egito”. A cada definição que usamos a simples frase “Moisés existiu” recebe sentidos diferentes. Wittgenstein pede para que observemos a frase “Moisés não existiu”. Esta frase também pode significar diferentes coisas, como “não existiu alguém que trouxe os dez mandamentos”, ou “os hebreus não tiveram um chefe ao sair do Egito”, ou ainda “Não existiu este homem que a Bíblia diz”.

Ao trazer estas situações para exame Wittgenstein passa a criticar a posição de Russell. Para Russel todas as definições de Moisés suportam o conceito de Moisés, como se fossem indissociáveis. O conceito de Moisés seria a união de todas as definições, e quando se tira uma definição o conceito perde a validade, pois para Russell todo o conceito tem um uso sólido, e assim o nome Moisés também tem um uso sólido. Mas se dissermos “Não foi Moisés quem trouxe os dez mandamentos” teria Moisés deixado de existir? Não saberíamos mais quem é Moisés?

Quando dizemos “Lula é o presidente do Brasil”, podemos definir Lula como “O homem que nasceu em 27 de Outubro”, “foi sindicalista” e “é filiado ao PT”. Quando nos perguntam “Quem é Lula” nós enumeramos todos estes itens. Seguindo a teoria de Russell, se descobríssemos que Lula não nasceu no dia 26 de Outubro e sim no dia 06 de Outubro

¹³ WITTGENSTEIN, L., op. cit. § 89, p. 49.

¹⁴ Ibid., § 78, p. 44.

a frase “Lula é o presidente do Brasil” seria falsa? Perderia a validade? Nós usamos os nomes sem uma significação *rígida*, porém isto não prejudica todo o seu uso.

Wittgenstein, após nos mostrar que mesmo as regras não sendo rígidas, limitadas, as palavras não têm o seu uso afetado a ponto de comprometer a possibilidade de comunicação, ele passa a inverter a acusação do adversário contra o próprio. Perguntamos agora a este: Qual seria a aparência de uma língua estritamente delimitada por uma regra? É esta a questão posta em § 84. Partindo deste princípio teríamos que calcular uma *regra* para o emprego da regra, e uma outra *regra* que elucidasse o emprego da segunda regra, e assim por diante.

Como esclarece Wittgenstein “*Uma regra se apresenta como um indicador de direção*”¹⁵, porém este indicador não garante a solução de todas as dúvidas que surgirão no percorrer do caminho. Uma regra não nos garante um percurso correto e seguro. Wittgenstein volta ao exemplo dos construtores do jogo da §2¹⁶. Se *A* e *B* usassem uma tabela onde os sinais escritos por *A* indicasse o tipo de lajota necessária através de uma tabela que *B* possuísse. *A* usa um sinal e *B* procura o correspondente na tabela. A tabela seria um tipo de regra. O que Wittgenstein propõe é que se houver alguns modos de se usar esta tabela deveríamos anexar a esta tabela um *esquema* para o seu uso, ou seja, mais uma regra. Mas por experiência sabemos que uma regra não soluciona todas as dúvidas, e por isso precisaríamos elaborar uma regra complementar para se usar as regras.

Para trazer uma melhor explicação do problema faríamos uma transposição para o exemplo do Moisés. Se dissermos “Por Moisés eu entendo o indivíduo que se existiu, trouxe a tábua dos dez mandamentos dados por Deus ao povo judeu”. Assim como no caso de Moisés pode surgir dúvidas quanto a palavra “tábua”, “mandamento”, “Deus”, “Judeu”... A elucidação nunca vai se completar se dependermos estritamente da regra. As elucidações são inexatas, e isto não significa que elas sejam inúteis, e sim que estas não alcançam perfeitamente os objetivos que se propõem. A primeira tabela já nos é suficiente, e o que dá a possibilidade de se entender o conceito não é a rigidez deste, e sim uma capacidade que o sujeito tem de apreender a situação. Não é a perfeição da mensagem que elucida a questão, e sim o sujeito que recebe e processa esta mensagem.

¹⁵ Ibid., § 85, p. 46.

¹⁶ Ibid., § 86, p. 47.

Conclusão

“Os resultados da filosofia consistem na descoberta de um simples absurdo qualquer e nas contusões que o entendimento recebeu ao correr de encontro às fronteiras da linguagem”¹⁷

Assim como Schopenhauer, Wittgenstein também parece ver no entendimento, na totalidade do processo racional, o berço de alguns dos principais problemas da linguagem. A tentativa de achar uma unidade no conceito, e de estipular regras totalmente rígidas seria uma tentativa da razão, do entendimento. É da “natureza” do entendimento a criação de uma ilusão unitária e rígida dos conceitos, de fazer crer ao indivíduo que existe uma essência, ou melhor, uma forma em todos os conceitos como o de jogo, o de cor, folha, etc.

A linguagem decorre de uma significação comum aos indivíduos que se comunicam, significação esta presente na polifonia discursiva da qual os indivíduos que se comunicam possuem¹⁸. A falta de rigidez do conceito é sanada pela significação comum entre os interlocutores. Para os filósofos da linguagem anteriores a Wittgenstein tal concepção seria impensável. As teorias sobre a linguagem tradicionais tinham como principal função estabelecer a melhor relação possível entre a palavra e o objeto, ajustando as teorias aos problemas signícos que encontravam, seja na teoria de *sentido e referência* de Frege, *significante e significado* de Saussure, na teoria do *signo quadripartido* de Hjelmslev, e outros. Para todos estes pensadores, mesmo com posições contrárias entre si, pregavam a definição de conceitos rígidos, “distritos delimitados” para alguns.

É neste ponto que considero o pensamento sobre a filosofia da linguagem feita por Wittgenstein uma revolução. Assim como atribuem a Kant uma “revolução copernicana” do conhecimento, ou até mesmo a denominação de *revolução kantiana*, nesta mesma linha de raciocínio temos que atribuir esta revolução, na linguagem, a Wittgenstein. Temos nas *Investigações Filosóficas*, surgindo a partir da crítica a unidade do conceito, uma *revolução wittgensteiniana*. Todas as suas teses desmistificadoras, elucidativas e em certa medida antidogmáticas trazem as reflexões sobre a linguagem um novo e seguro ângulo de estudo, uma nova perspectiva para os futuros pesquisadores desta área.

¹⁷ Ibid., § 119, p. 55.

¹⁸ MORENO, A.R., Wittgenstein: Os labirintos da linguagem, São Paulo, Moderna & Ed. Unicamp, 2000 p. 64